

# Realismo e Fantasia : os limites da ficção \*

JOSÉ J. VEIGA  
ficcionista

Fui trazido aqui — sem nenhuma coação, devo dizer — para falar sobre “Realismo e Fantasia: os limites da ficção”. Claro que a perspectiva de vir aqui me empolgou. Mas como fazer a minha parte ? Falando sobre o tema proposto. Aí foi que minhas dificuldades começaram. Um autor que li muito, e que muito ajudou a minha formação de escritor, faz em um de seus ensaios uma advertência que ainda não esqueci. Diz ele que a palavra “realidade”, para ter algum sentido, deve sempre ser empregada entre aspas. Quem escreveu isso foi George Orwell, que além de ficcionista foi também crítico e ensaísta.

Antes de começar, eu já estava empacado. Era então hora de correr para o meu Velhinho Juca, meu consultor intelectual. Ele sempre me socorre, contanto que eu não abuse. Não vou dizer o nome dele para não socializá-lo. Ele não sai mais de casa, a não ser para ir ao médico.

Ele me recebeu deitado em sua cadeira anatômica, com um copo bojudado de conhaque numa mesinha ao lado. Mandou-me sentar perto. O que é que o traz aqui, etc. Toma um conhaque ? O dia estava frio, aceitei : mas eu mesmo tive de pegar a garrafa e o copo no bufê.

Expus-lhe meu problema. Ele escutava e pensava, as mãos se tocando palma a palma. Finalmente falou :

- Temos um problema. - Isso me animou; era sinal de que ele havia aceitado a minha causa. - O que é o fantástico ? Falando linguagem jurídica, é o real que ainda não caiu em domínio público. O mundo tem de ser descoberto dia a dia. O que era fantástico ontem pode ser real hoje. Quando é que você vai fazer a palestra ?

Eu disse, ele olhou o calendário na parede.

- De hoje a dois dias. Tempo curto. Vamos correr com isso. Você já leu Rabkin ?

- Quem?

- R a b k i n. “O Fantástico em Literatura”.

Pela minha cara, certamente apalermada, ele concluiu que não.

- É. Ninguém lê nada no Brasil. E os escritores (que Deus me perdoe) lêem menos ainda.

Aí ele pegou uma campainha, no chão perto dele e sacudiu. Não aconteceu nada, ele sacudiu de novo a campainha, com a energia de um

sacristão enfezado. Continuou não acontecendo nada.

- Devem estar de papo lá na cozinha - disse ele resignado.

- Vamos então nos arranjar com nossos próprios recursos. Você venha cá e olhe na direção do meu dedo. Segunda fileira de baixo para cima, primeiro lance. O sexto livro. O de lombada roxa e letras brancas.

Fui lá, localizei. - Veja a página 61, nota.

Não é que tem mesmo uma nota na página 61 ? Li. Diz ele que todos os personagens da literatura fantástica, do K de Kafka aos invasores marcianos de Wells, fascinam os leitores porque os seus atos lembram a nossa experiência com o complexo de Édipo. Como é mesmo ? Li de novo, para ver se havia entendido. Bruno me olhava com um sorriso moleque (já entreguei o primeiro nome do meu consultor).

- Puxa, Bruno. Isto é besteira. Como é que vou dizer isso em Vitória sem ser vaiado.

- Você acha ? - perguntou ele.

- Besteira grossa. Serve para tudo. Eu, por exemplo, que gosto de tomar chope, de andar descalço em casa no verão, de jogar no bicho, de falar mal dos governos, no fundo o que estou fazendo é curtindo meu complexo de Édipo ? Pelamor !

- Bruno soltou uma gargalhada de escangotar. Quando se recompôs deu mais uma bicada no seu conhaque. Eu também biquei o meu.



- Está vendo ? - disse o meu sábio amigo. - Toda literatura é fantástica, inclusive o que se escreve sobre ela. A literatura é fantástica desde que era apenas oral. Ou você pensa que as histórias transcritas da tradição oral, e que chegaram a nossas bibliotecas com os nomes de *Ilíada* e *Odisséia* são relatos reais ? É tudo imaginado, fantasiado, fantasioso. Pode pôr aí tudo o que você conhece, as Mil e Uma Noites, o *Don Quixote*, a Canção de Rolando, tudo. Real só relatório, assim mesmo se não forem redigidos em Brasília. Eu leio tudo (é ainda o Bruno falando), é a minha mania, talvez a minha experiência com o complexo de Édipo. Nele cabe tudo, se vamos acreditar no Sr. Robert Plank, citado aí no livro do Sr. Eric Rabkin, que você leu.

- O que complica é o afã de classificar, separar, definir, afã que pode ser também decorrência do complexo de Édipo. Quem me chamou atenção para isso foi um autor que até nem curto tanto, mas reconheço que sabe escrever. É o hoje tcheco-e-eslovaco Milan Kundera. Pegue aquele

livrinho dele ali, lombada vermelha, da Penguin. Na folha de rosto você encontra uma indicação de página, escrita a lápis.

Localizei o livro, abri na página indicada. Li. “O anseio de ordem, de classificar, é também um anseio de morte. Porque a vida é uma incessante desarrumação da ordem”. (Está no livro A Festa de Despedida.)

- Está bem, Bruno. Mas como é que ficamos ? O que é que eu vou dizer em Vitória ?

- Compreendo a sua preocupação, mas sossegue. Os vitorienses são inteligentes e generosos. Eles vão compreender a sua situação. Se toda literatura é fantástica, fica difícil separar o conteúdo fantástico dela.

- Então não existe literatura realista ? - perguntei.

- Receio que não. O que seria literatura realista ? Nem em biografias. Tudo precisa ser enfeitado, fantasiado para ficar legível. Houve uma tentativa nos anos de 60, de se criar o romance factual, não ficcional. O exemplo mais empolgante dessa tentativa foi o livro A sangue Frio, de Truman Capote. Mas esse esforço veio apenas mostrar que o romance não ficcional é impossível. O autor levantou os passos de dois assassinos que mataram uma família inteira para nada. O que eles fizeram, por onde andaram, o que comeram dias antes e dias depois do crime foi tudo apurado jornalisticamente. Mas como apurar o que eles conversaram entre eles, sem gravador, e o que pensaram ? O autor supre esses brancos - ficcionalmente. Então o que ele fez mesmo foi literatura inventada, fantástica.



- Quer dizer então que vida e literatura são categorias diferentes, nada tendo a ver uma com a outra ?

- Diferentes, são. Mas têm tudo a ver uma com a outra. A literatura nasce da vida. É o desejo, ou o anseio de entender a vida que faz certas pessoas inventarem obras literárias. Literatura solta no espaço, sem ligamentos com a vida e o mundo não existe. Já se tentou isso também, com resultado desapontador. Nos anos de 50 uma moça americana publicou um livro que ela chamou de Cardeais e Santos. Não posso dizer que o tenha lido, mas estive com ele nas mãos. Nele não tinha nem cardeais, nem santos, nem enredo, nem parágrafos concatenados. Só frases soltas. Quem sabe não foi esse o único romance fantástico já escrito ? Não teve enredo, não teve personagem, não teve episódios, não teve leitores. Mas teve mais de 200 páginas.

\* Palestra proferida na UFES, 1992.